

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

NICOLE DOS SANTOS FERREIRA

**UM OLHAR GEOGRÁFICO ATRAVÉS DA SEMIÓTICA: A IMPORTÂNCIA DA
IMAGEM PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Porto Alegre 2020

Nicole dos Santos Ferreira

**UM OLHAR GEOGRÁFICO ATRAVÉS DA SEMIÓTICA: A IMPORTÂNCIA DA
IMAGEM PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni.

Porto Alegre 2020

Pássaros voando alto, você sabe como eu me sinto
Sol no céu, você sabe como eu me sinto
Brisa passando, você sabe como eu me sinto
É um novo amanhecer
É um novo dia
É uma nova vida
Pra mim
E estou me sentindo bem
Peixe no mar, você sabe como me sinto
Rio correndo livre, você sabe como me sinto
O desabrochar em uma árvore, você sabe como me sinto
[..]
Libélula ao sol
Você sabe o que eu quero dizer
Não sabe?
Borboletas se divertindo
Você sabe o que eu quero dizer
Adormecer em paz quando o dia termina
É isso o que eu quero dizer
E este velho mundo é um novo mundo
E um mundo arrojado
Pra mim
Estrelas quando brilham, vocês sabem como eu me sinto
Aroma do pinheiro, você sabe como eu me sinto
Oh, a Liberdade é minha
E eu sei como eu me sinto
É um novo amanhecer
É um novo dia
É uma nova vida
Pra mim
E estou me sentindo bem

Nina Simone - Feeling Good

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, dentro das mais diversas interpretações do divino, agradeço à minha família porque sei que sem minha mãe, meu pai e minha irmã, nada disso seria possível. À minha mãe por ser um porto seguro, por todo o esforço e pelo amor incondicional, a meu pai por todo esforço e por ser uma referência, pois sempre incentivou minha irmã e eu a estudarmos. À minha irmã por se um exemplo, como minha irmã mais velha sempre vi o quanto ela se dedicava aos estudos, e foi através dela que eu conheci o PEAC (Projeto Educacional Alternativa Cidadã), que foi um propulsor para o meu ingresso na UFRGS. Agradeço também o meu orientador, pois me deu liberdade, mas sem negligenciar o papel de orientar, sempre aprendi muito com ele e posso afirmar que me fiz professora através de suas aulas. Enfim, agradeço à todas e todos que direta ou indiretamente estiveram envolvidos neste processo, fico imensamente grata à todas as amizades que construí na graduação e quero levar para a vida toda.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como a imagem é relevante para o ensino de Geografia. A pesquisa apresenta como a imagem se relaciona com os conceitos geográficos de espaço e paisagem, conseqüentemente, abordando como a imagem pode e deve ser utilizada em uma aula de Geografia. Neste trabalho focamos em uma das etapas da educação básica, o Ensino Médio, onde um dos capítulos se dedica a analisar a Base Nacional Comum Curricular para, por meio dela, serem propostas práticas de ensino que nos auxiliem a atingir nosso objetivo central. A metodologia consiste em uma pesquisa qualitativa, onde o método utilizado foi o exploratório com análise documental, sendo estes mais relevantes para um trabalho de conclusão de curso. Como resultados concluímos que a imagem é muito relevante para o ensino de Geografia, pois a aprendizagem desta disciplina acaba ficando esvaziada de significado quando esta é ignorada.

Palavras-chave: Espaço Geográfico. Paisagem. Imagem. Base Nacional Comum Curricular

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the image is relevant to Geography teaching. This research presents how the image relates to geographical concepts, such as space and landscape, consequently addressing how the image can and should be used in a Geography class. In this work we focus on one of the stages of basic education: the secondary school. One of the chapters is dedicated to analyzing the Common Curriculum National Base through which teaching practices are structured, what helps us achieve our central objective. The methodology consists of a qualitative research, where the method used is exploratory with document analysis, which is more relevant for an undergraduate thesis. As a result, we are able to infer that the image is very relevant for Geography teaching, as learning Geography ends up being emptied of meaning when the image is ignored.

Keywords: Geographic space. Landscape. Image. Common curriculum national base.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistemas de Objetos e Sistemas de Ações.....	15
Figura 2 - Travessa dos Venezianos.....	21
Figura 3 - Representação mental.....	27
Figura 4 - Jesus Negro.....	28
Figura 5 - Jesus Branco.....	28
Figura 6 - Mito da Caverna.....	30
Figura 7 - Estrutura da Educação Básica	33
Figura 8 - Organização do Ensino Médio	34
Figura 9 - Nairóbi.....	38
Figura 10 - Paris.....	39
Figura 11 - Gasômetro, Cadeia e Praia de Belas em 1956.....	41
Figura 12 - Orla do Guaíba.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Problema de Pesquisa.....	10
1.2 Objetivos.....	10
1.3 Justificativa.....	10
2 METODOLOGIA.....	11
2.1 Pesquisa Qualitativa.....	11
2.2 Método de Trabalho.....	12
2.3 Etapas de Trabalho.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
3.1 Espaço Geográfico.....	14
3.2 Paisagem.....	19
3.3 Imagem e Ensino de Geografia.....	24
4 A IMAGEM NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC).....	31
4.1 Estrutura da Educação Básica	31
4.2 Onde se Esconde a Imagem na BNCC do Ensino Médio.....	34
5 PRÁTICAS DE ENSINO.....	37
5.1 Como usar a Imagem em uma aula de Geografia?.....	37
5.1.1 Proposta 1 - Desconstruindo Estereótipos.....	38
5.1.2 Proposta 2 - As Rugosidades do Espaço Geográfico.....	39
5.1.3 Proposta 3 - Legenda para o Mundo.....	41
5.2 Resultados Esperados.....	44
6 CONSIDERAÇÕES NÃO TÃO FINAIS.....	45
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
8 ANEXOS.....	50
8.1 Anexo 1 - Mito da Caverna.....	50

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de inquietações a respeito da imagem, no entanto, se tratava de uma ideia bastante simplista acerca do termo, pois inicialmente pensávamos em gravuras, desenhos, fotografias, porém a partir do estudo observamos que o conceito de imagem vai além dos exemplos citados anteriormente. Imagem é a representação do real, do que existe fora de nós, objetos, pessoas, sentimentos, lugares etc., como afirma Tonini:

Ao entender que a imagem ensina uma visão de mundo, de valores e quais comportamentos sociais e econômicos são aceitáveis, percebo existir ali regime de verdades. A imagem, por possuir estoque de verdade, vai moldando, constituindo nossas subjetividades. Ela é precisamente um veículo dos significados e mensagens simbólicas. (TONINI, 2003, p. 36)

Portanto, para este trabalho o conceito de semiótica se mostrou bastante relevante, pois a partir deste foi possível compreender como se dão as representações mentais sendo estas fundamentais para o ensino de Geografia.

A primeira etapa do trabalho se deu através do estudo dos conceitos de Espaço Geográfico, Paisagem e Imagem. O Espaço Geográfico é o todo, onde todas as relações acontecem, a Paisagem se trata de uma representação do espaço em um determinado momento e a Imagem pode ser tanto uma representação visual ou mental das “coisas”. Entendendo estes conceitos realizamos a análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foi feito um recorte na etapa do Ensino Médio, onde selecionamos uma competência específica e três habilidades matriciais para propormos práticas de ensino que envolvam a imagem. Por fim, foram propostas três práticas de ensino que, infelizmente, não foram aplicadas devido ao período de ensino remoto, mas pensamos nos resultados esperados através de um possível aplicação destas práticas, sendo assim não se trata de uma pesquisa finalizada em si, mas um trabalho que pode e deve ter continuidade.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O estudo ao qual se dedica este Trabalho de Conclusão de Curso diz respeito ao tema da importância do uso de imagens no ensino de Geografia, onde foi levantado o seguinte problema de pesquisa: “Qual é a importância da imagem no ensino de Geografia?”

Este problema surgiu a partir da hipótese de que vivemos em um mundo imagético e, de certa forma, a imagem cada vez mais se torna uma alternativa à linguagem escrita, não afirmamos aqui que a imagem substituirá a escrita, no entanto, esta tem ganhado espaço no que se refere à comunicação, principalmente na redes sociais.

1.2 Objetivos

O trabalho tem como objetivo geral - Analisar como a imagem é relevante para o ensino de Geografia - e, para se atingir o objetivo principal foram listados quatro objetivos específicos, sendo eles:

- Compreender o conceito de imagem, assim como os diferentes termos que tangem tal conceito.
- Identificar a importância da imagem na sociedade pós-moderna.
- Relacionar a imagem ao conceito geográfico de paisagem.
- Analisar a BNCC do Ensino Médio para compreender quais habilidades e competências se relacionam ao tema de estudo.

1.3 Justificativa

Para tudo o que vemos ou sentimos fora de nós, automaticamente formamos uma imagem em nossas mentes, porém, muitas vezes esta imagem criada, é composta por diversos signos que nos foram apresentados. Sendo assim, não podemos confiar nas imagens, devemos duvidar antes de acreditar em representações.

Sendo assim, este trabalho é relevante, pois iremos estudar e compreender como a imagem nos auxilia a interpretar o espaço geográfico e, entender qual sua importância no que se refere ao ensino de Geografia. Um dos maiores desafios para o ensino nos dias de hoje é tornar a ciência que se leciona envolvente, significativa, interessante, enfim, fazer com que os educandos percebam sua relevância e tenham prazer em estudá-la. Refletindo a esse respeito, percebemos que o mundo onde vivemos é imagético e cada vez mais possui este caráter, pois vivemos cercados por publicidades, imagens na televisão, nos celulares, na comunicação em geral, etc., e gostando ou não, estas acabam interferindo o nosso imaginário - além disso, a geração atual cada vez mais se comunica e se expressa por meio de imagens, e pensamos aqui que os educadores precisam acompanhar e entender a linguagem dos seus alunos para que como já citamos anteriormente, a aula tenha sentido e não seja percebida como conteúdos e mais conteúdos que precisam ser decorados para tirar uma boa nota em uma futura prova ou teste.

Portanto, fica nítido que um ensino de Geografia sem a presença ou com uma má utilização acerca da imagem, no mais amplo sentido do conceito, não é suficiente, torna-se sem significado. Neste sentido, a imagem deve estar presente para desconstruir estereótipos sobre os lugares e as pessoas e ser uma importante ferramenta para analisarmos o espaço geográfico, porque os signos presentes nas imagens que chegam até nós, obviamente possuem um significado. Seguindo esta linha de pensamento, a relevância da presença da imagem no ensino de Geografia consiste em os alunos desenvolverem a capacidade de questionar o significado dos diferentes signos, códigos e símbolos para assim “enxergarem” as relações invisíveis contidas no espaço geográfico.

2. METODOLOGIA

2.1 Pesquisa Qualitativa

Tendo em vista, que nossa preocupação não está em representações numéricas de dados ou análises realizadas, o tipo de pesquisa que consiste este

trabalho é a pesquisa qualitativa, além disto esta permite uma maior interpretação do objeto pesquisado, assim como, aproxima o pesquisador com o objeto de estudo.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Nosso objetivo central é “Analisar como a imagem é relevante para o ensino de Geografia”, neste caso, não é viável utilizar algum método quantitativo para realizar a análise, pois foi preciso fazer uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema para assim ser possível atingir o objetivo principal do trabalho. Segundo Silveira e Córdova (2009) a pesquisa qualitativa tem a preocupação com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, o centro deste tipo de pesquisa está na compreensão e explicação da dinâmica da relações sociais. E, dentro da pesquisa qualitativa utilizamos o método exploratório para a realização do trabalho de conclusão de curso

2.2 Método de Trabalho

O trabalho foi realizado em três etapas onde percebemos o método exploratório ser o mais abrangente dentro da nossa proposta pois:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p. 41)

Sendo assim, o método exploratório permite uma maior aproximação do pesquisador com o problema apresentado, o que é muito relevante se tratando de um trabalho de conclusão de curso. Utilizamos o método exploratório com análise documental, e a técnica usada foi a análise documental de livros.

[...]A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas,

tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Neste caso, analisamos a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, sendo possível através da análise documental, pois esta é mais abrangente em relação à análise bibliográfica. Utilizamos Bardin como uma referência sobre a análise conteúdo (documental):

Podemos defini-la como uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referenciação. (BARDIN, 2011, p.45)

Portanto, através da análise documental foi possível interpretar e estruturar as referências consultadas para que o leitor consiga compreender as relações feitas para que fiquem nítidos nossos objetivos com esta pesquisa.

2.3 Etapas de Trabalho

Este trabalho se deu em três etapas: a primeira foi um levantamento bibliográfico sobre os três conceitos centrais que deveriam ser discutidos, espaço geográfico, paisagem e imagem. Dentro dos três conceitos discutidos os principais autores consultados foram Callai, Castrogiovanni, Claval, Freire, Hall, Hooks, Santaella, Santos, Souza, Troll, entre outros, para que assim fosse possível definir os três conceitos e compreender como se relacionam.

A segunda etapa se deu através da análise da BNCC do Ensino Médio. O objetivo da análise foi entender como a imagem está inserida no documento que norteia a educação brasileira - escolhemos uma habilidade específica dentro da área das ciências humanas e três das habilidades que fazem parte dessa competência.

Por fim, propomos três maneiras de utilizar em sala aula a competência e as habilidades selecionadas, obviamente, através do uso de imagens. E, ainda discorreremos sobre os resultados esperados por meio das nossas práticas sugeridas, pois as propostas de trabalho não foram aplicadas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Tema central de estudo deste trabalho é a importância da Imagem no ensino de Geografia. Dentro do tema proposto discutiremos três conceitos pertinentes para uma compreensão ampla, são eles: Espaço Geográfico, pois se trata do objeto de estudo da ciência geográfica, Paisagem, para relacionar este conceito geográfico ao conceito de imagem e por fim, Imagem, compreendendo como ela se relaciona com o ensino de Geografia.

3.1 ESPAÇO GEOGRÁFICO

Comumente os professores de Geografia iniciam suas aulas escrevendo no quadro a palavra “Geografia” e questionam os alunos sobre o que a disciplina se propõe a estudar, normalmente dividem em “Geo” e “Grafia”, onde o radical Geo significa Terra e Grafia significa descrição. Santos complementa:

Esta disciplina sempre pretendeu construir-se como uma descrição da terra, de seus habitantes e das relações destes entre si e das obras resultantes, o que inclui toda ação humana sobre o planeta. Mas o que é uma boa descrição?

Descrição e explicação são inseparáveis. O que deve estar no alicerce da descrição é a vontade de explicação, que supõe a existência prévia de um sistema. Quando este faz falta, o que resulta em cada vez são peças isoladas, distanciando-nos do ideal de coerência próprio a um dado ramo do saber e do objeto de pertinência indispensável. (SANTOS, 2014, P. 18)

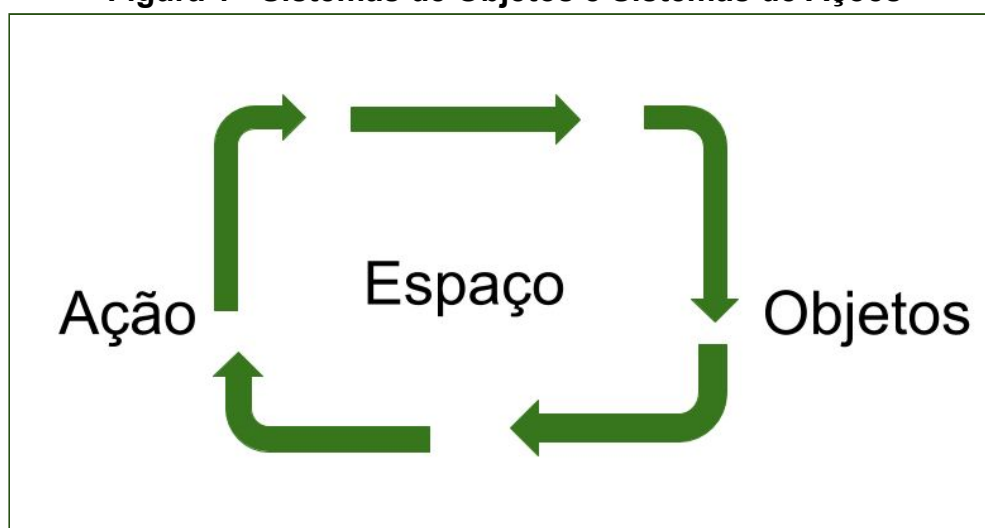
Não é suficiente a descrição pela descrição, pois qual é a serventia de saber o nome de todos os rios do Brasil, o nome das formas de relevo, ou apenas decorar nomes e mais nomes sem entender como esses rios ou formas de relevo impactam a vida da população. Sendo assim, o conhecimento se torna sem significado. É preciso entender que existe uma lógica, um sistema, uma explicação nas relações existentes estudadas pela Geografia. Mas quando falta um arcabouço epistemológico consistente sobre a disciplina que se leciona, os professores podem cair em erros do senso comum. Alguns falam até mesmo em estudo da Terra, no entanto, estudar a Terra é tarefa de outra ciência, a Geologia. Fica evidente que a falta de um conhecimento de base epistemológica por parte de professores e geógrafos enfraquece a Geografia como ciência, como afirma Castrogiovanni:

Dessa forma, o ensino da Geografia deve preocupar-se com o espaço nas suas multidimensões. O espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações. E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens, deve fazer parte também dessa alfabetização. (CASTROGIOVANNI, 2008, p. 14)

Sendo assim, o objeto de estudo da Geografia é o Espaço Geográfico, devemos entender e ensinar como se dão as relações nele existentes, pois esta é a razão da Geografia existir enquanto ciência. Diferentemente da Geologia que estuda a Terra, sua formação e evolução enquanto planeta, a Geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico, onde Milton Santos afirma “Como ponto de partida, propomos que o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações.” (SANTOS, 2014, p. 21) e, por ter essa natureza sistemática, onde uma parte não funciona sem a outra, a ação é feita através do objeto e, o objeto existe pela ação e se transforma através dela, Santos complementa:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2014, p. 63)

Figura 1 - Sistemas de Objetos e Sistemas de Ações



Fonte: Autoria da aluna

Portanto, para um objeto ser criado ou modificado precisou-se exercer uma ação sobre ele e, para tal ação ser realizada foi necessário um objeto que a gerasse, então objetos e ações estão interligados. O espaço não deve ser confundido com a configuração territorial ou geográfica, pois a configuração territorial só existe através dos elementos materiais e das relações sociais que a compõem.

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. (SANTOS, 2014, p. 62)

Observamos, portanto, que a configuração territorial está subordinada ao espaço, visto que, a materialidade e as relações sociais necessárias para a sua existência ocorrem por causa do espaço, pois sem ele não existiria materialidade, bem como as relações sociais que dão vida à materialidade.

Santos (2014) O espaço é formado por objetos, e estes objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, sendo naturais ou resultado da ação humana que os objetificam. No entanto, não existe aleatoriedade na sua configuração, visto que, os objetos são organizados e utilizados segundo uma lógica. Sendo o espaço um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, onde esses objetos e essas ações se transformam mutuamente, a organização na configuração dos objetos se dá através da ação, pois esta é um processo que segue um propósito, uma intenção, portanto não existe aleatoriedade no espaço geográfico.

A maneira como a humanidade se relaciona com o meio se dá através da técnica. Santos (2014) as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais a humanidade ao mesmo tempo produz e cria espaço. Cada tempo possui um conjunto técnico próprio, uma maneira instrumental ou social de realizar o trabalho, estes conjuntos técnicos do passado deixam marcas no espaço, as chamadas rugosidades. Atualmente as ações seguem uma lógica internacional, segundo Santos.

As ações são cada vez mais estranhas aos fins próprios do homem e do lugar. Daí a necessidade de operar uma distinção entre escala de realização das ações e a escala do seu comando. Essa distinção se torna fundamental no mundo de hoje: muitas ações que se exercem num lugar são o produto

de necessidades alheias, de funções cuja geração é distante e das quais apenas a resposta é localizada naquele ponto preciso da superfície da Terra. (SANTOS, 2014, p. 80)

Logo, o trabalho está fragmentado ao ponto de não compreendermos de qual país vêm as partes que formam algum produto que compramos, a comida que nos alimenta ou qual multinacional lucra com a exploração deste trabalho e a venda destes produtos. Dentro disso vem o conceito de Divisão Territorial do Trabalho, para compreender a Divisão Territorial do Trabalho é necessário entender a chamada diversificação da natureza:

O mundo natural, mediante as trocas de energia entre os seus elementos, conhece um movimento perpétuo, pelo qual sua identidade se renova enquanto se modificam os seus aspectos. [...] Quando a natureza ainda era inteiramente natural, teríamos, a rigor, uma diversificação da natureza em estado puro. O movimento das partes, causa e consequência de suas metamorfoses, deriva de um processo devido unicamente às energias naturais desencadeadas.

A primeira presença do homem é um fator novo na diversificação da natureza, pois ela atribui às coisas um valor, acrescentando ao processo de mudança um dado social. (SANTOS, 2014, p. 130, 131)

Essa lógica é melhor entendida quando abordamos o conceito de Divisão Internacional do Trabalho. A atual divisão do mundo em Sul e Norte, não se trata daquela feita pela linha do Equador em Hemisfério Norte e Hemisfério Sul, mas sim de uma divisão econômica e social entre os países considerados desenvolvidos ou subdesenvolvidos, também conhecidos como centrais ou periféricos. No período da Guerra Fria o mundo era dividido entre Leste e Oeste, Socialismo e Capitalismo, hoje chamamos de antiga ordem mundial, pois a atual ordem é entre Sul e Norte. Os países do Sul nesta divisão, são encarregados pelo fornecimento e produção de matérias-primas (Commodities) destinadas aos países do Norte, na verdade, tal lógica perpetua o que começou com o processo de colonização, responsável pela exploração das colônias. Entendendo essa lógica dentro da Divisão Internacional do Trabalho cada país é responsável pela produção de certa matéria-prima ou de determinado produto de acordo com a disponibilidade dos recursos naturais e humanos existentes no local, portanto, “dividindo” o trabalho, variando a complexidade tecnológica empregada, Santos complementa:

A Divisão do Trabalho pode, também, ser vista como um processo pelo qual os recursos disponíveis se distribuem social e geograficamente. Os recursos do mundo constituem, juntos, uma totalidade. Entendemos, aqui, por recurso, toda possibilidade, material ou não, de ação oferecida aos homens (indivíduos, empresas, instituições). Recursos são coisas, naturais ou artificiais, relações compulsórias ou espontâneas, ideias, sentimentos, valores. (SANTOS, 2014, p. 132)

Entendendo o Espaço Geográfico como a reunião da materialidade e a vida que a anima, é inevitável a existência de tensões e conflitos. E, não devemos interpretar a Divisão Internacional do Trabalho como sendo um fenômeno passivo entre os envolvidos, pois estamos falando de recursos, territórios, mão-de-obra, portanto, existirá tensão dentro desta configuração.

A divisão do trabalho supõe a existência de conflitos. Devemos levá-los em conta para empreender uma análise do fenômeno que seja válida. Entre esses conflitos, alguns são mais relevantes. O primeiro é a disputa entre o Estado e o mercado. Mas não nos podemos referir a essas duas entidades como se fossem um dado maciço. Dentro do mercado, as diversas empresas, segundo a sua força, e segundo os respectivos processos produtivos, induzem a uma divisão do trabalho que corresponde ao próprio interesse. E as diversas escalas do poder público também concorrem por uma organização do território adaptada às prerrogativas de cada um. As modalidades de exercício da política do poder público e da política das empresas têm fundamento na divisão territorial do trabalho e buscam modificá-la à sua imagem. (SANTOS, 2014, p. 135)

Em um mundo onde existe uma divisão tão complexa e conflituosa no que diz respeito ao trabalho, o espaço geográfico atual não é compreendido em sua totalidade sem antes abordarmos o fenômeno conhecido como Globalização. Sabendo que a Globalização se trata da integração econômica, política, social e cultural entre os países, e esta ação sobre o globo só é possível, visto que, vivemos em um meio ao qual Milton Santos chama de “*Meio Técnico-Científico-Informacional*”.

Nesse período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já que hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*. (SANTOS, 2014, p. 238)

A união entre técnica, ciência e informação é a responsável pelo fenômeno da Globalização, que teve origem na 3ª Revolução Industrial, onde houve o avanço das tecnologias de informática e comunicações, principalmente a internet, tais adventos foram de suma importância para o desenvolvimento deste fenômeno e conseqüentemente para a expansão do capitalismo no mundo. Assim sendo, o ensino de Geografia tem o papel de levar as educandas e os educandos a compreender e interpretar as relações naturais e sociais que constituem o Espaço Geográfico, com todos os seus fluxos, redes, rotas, novas regionalizações, etc., que fazem parte desse meio técnico-científico-informacional.

3.2. PAISAGEM

Por vezes associamos a ideia de paisagem à beleza, pensamos em imagens lindas de praias paradisíacas, cadeias de montanhas, belos lagos, etc., na verdade, a maioria das pessoas possuem uma ideia de paisagem como sendo um lugar pouco tocado pela humanidade. No entanto, dentro da ciência geográfica o conceito de paisagem vai além dessa concepção, “Hoje em dia o conceito de “paisagem” está presente na ciência e na arte. Porém, somente a geografia deu ao seu uso um valor científico, transformando-o em eixo de toda uma teoria de investigação.” (TROLL, 1997, p. 2), dentro da Geografia paisagem se trata de um dos principais conceitos que nos ajudam a compreender e analisar o espaço geográfico, está relacionada com o visual, tudo aquilo que somos capazes de enxergar. Verdum exemplifica a seguir:

A paisagem concreta é entendida como o resultado das marcas que a(s) sociedades(s) humana(s) imprime na superfície terrestre ao longo do tempo. Essas marcas se traduzem em formas, linhas, cores e texturas, condicionadas por fatores geológicos, geomorfológicos, ecológicos e climáticos em constante transformação por dinâmicas físicas, sociais, econômicas e culturais. (VERDUM al, 2016, p. 132, 133)

Vimos que a paisagem pode ser conceituada como o resultado, visual - ou melhor, além do visual a paisagem pode ser percebida através dos demais sentidos humanos, pensamos aqui em pessoas com deficiência visual, pois a paisagem será percebida através de outros sentidos, como olfato e audição, por exemplo (SANTOS,

2014) - das ações da humanidade sobre o espaço, neste sentido o conceito de paisagem e espaço podem ser facilmente confundidos caso não haja uma compreensão epistemológica que embase essa discussão. Souza (2013) para a Geografia basicamente a paisagem é o espaço alcançado pela visão de um observador. O espaço é o todo, é onde as formas naturais e artificiais se encontram, devemos pensar que sem espaço não existiria paisagem a ser observada, a paisagem existe por causa do espaço.

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. (SANTOS, 2014, p. 103)

A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas objetos, providas de um conteúdo técnico específico. (SANTOS, 2014, p. 103)

Como Santos diferenciou, espaço e paisagem não são sinônimos, da mesma maneira, não devemos confundi-lo com outros conceitos geográficos, território, região, lugar, etc., enfim, paisagem é a amostra do espaço em um determinado período, e sua observação auxilia na compreensão e análise do mesmo. Segundo Santos (1988) a paisagem é o conjunto das formas naturais e artificiais, sendo as paisagens artificiais aquelas construídas ou que sofreram interferência humana, já as naturais seriam “puras”, ou seja, não tocadas pela humanidade. Todavia, no mundo atual, globalizado, que demanda mais e mais recursos naturais, não conseguimos afirmar que existem paisagens onde não houve interferência humana.

[...], hoje, podemos observar lugares que são basicamente naturais, com vegetação nativa e as características de equilíbrio ambiental, que não poderiam ser caracterizados unicamente como paisagem natural, uma vez que de alguma forma houve interferência humana, causando modificações concretas naquele lugar. (CALLAI, 2008, p.100)

Assim sendo, a humanidade interfere direta ou indiretamente nas paisagens, por exemplo, observamos a fumaça das queimadas na Amazônia brasileira chegarem até a região Sudeste do Brasil, se tratando de uma ação direta na floresta, porém, modificou de forma indireta a paisagem da cidade de São Paulo por dias.

Poderíamos citar diversos exemplos, mas não nos cabe aqui, portanto, é complicado falarmos em paisagens naturais ou artificiais, pois ainda que os lugares aparentam essa “pureza”, ou seja, a não interferência humana, em algum momento do processo de construção do espaço houve alguma ação direta ou indireta exercida pela humanidade.

Segundo Callai (2008), através da observação da paisagem podemos entender a realidade do espaço em um determinado momento do processo, passado ou futuro, dessa forma temos a principal distinção entre espaço e paisagem, pois a segunda serve para compreendermos as relações que constroem o primeiro, para exemplificar, sem a existência do espaço, não haveria paisagem. Então, a paisagem se trata de uma representação que irá depender da interpretação do observador, discutiremos mais a frente, através dessa representação poderemos ver momentos passados e presentes nela contidos. Por exemplo, a Travessa dos Venezianos marca uma configuração territorial distinta do que vemos hoje na cidade de Porto Alegre - antigamente eram residências para pessoas de baixa renda e hoje mantém-se a forma, porém a função é diferente seguindo a lógica atual para a constituição do espaço, sendo hoje um espaço mais voltado para a cultura.

Figura 2 - Travessa dos Venezianos



Autoria: Natássia Ferreira, 2019

O espaço é construído ao longo da vida das pessoas, considerando a forma como vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza. Dessa forma, o lugar mostra, através da paisagem, a história da

população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos. [...] A paisagem é o resultado do processo de construção do espaço. (CALLAI, 2008, p.98)

Tendo em vista que a paisagem representa o espaço em um determinado momento do processo, no entanto, a partir do ponto de vista de um observador e, pensando que este observador pode realizar uma descrição escrita ou verbal, desenhar ou pintar, tirar uma fotografia, será que tal descrição pode ser confiável, ou ser tomada como verdade absoluta? Callai afirma:

A aparência da paisagem, portanto, é única, mas o modo como a apreendemos poderá ser diferenciado. Embora na aparência as formas estejam dispostas e apresentadas de modo estático, não são assim por acaso. (CALLAI, 2008, p. 99).

Portanto, a interpretação da paisagem irá variar de observador para observador, por exemplo, se apresentarmos duas imagens do mesmo local para duas pessoas diferentes, uma anterior, mostrando uma mata nativa preservada, e a outra imagem mostrando um momento posterior, onde este local foi desmatado para a construção de um shopping center. A primeira pessoa pode ficar horrorizada, pois se tratava de uma mata nativa, e pensar que é um absurdo esta paisagem ter mudado para a construção de um shopping. Já a segunda pessoa, pode interpretar de outra maneira, acreditar que se trata do desenvolvimento e, que tal shopping pode gerar empregos para a população local. Portanto, vemos que as formas estão estáticas, mas o que muda é a interpretação de cada observador, conseqüentemente, deve-se duvidar, desconfiar de representações e descrições feitas sobre as paisagens sem a observação em campo.

Aliás, é bom “desconfiarmos”, também, das representações da paisagem, feitas por meio da pintura, da fotografia... Nas últimas décadas, vários geógrafos, principalmente de língua inglesa, investiram bastante na discussão (às vezes críticas, embora muitas vezes não tanto...) do conceito de paisagem e os usos sociais e interesses ideológicos que se expressam (ou também se escondem) por meio de sua representação pelos pintores, fotógrafos etc, de uma dada época e em uma dada cultura, sob condições modais determinadas. (SOUZA, 2013, p. 49)

Logo, a paisagem nos condiciona a enxergar certas realidades como naturais, pois em determinado momento passamos a não estranhar mais certas imagens

observadas, acabamos naturalizando, por exemplo, os lugares onde nascemos ou vivemos boa parte de nossa vida, certas realidades ficam “invisíveis” aos olhos de observadores desatentos. Se torna fácil ignorar, normalizar ou até mesmo estranhar realidades distintas.

A hipótese é a de que a paisagem poderia exercer uma espécie de persuasão, análoga àquela que é exercida pela assim chamada mensagem subliminar em publicidade. Assim como o desejo de consumir uma mercadoria pode ser criado ou despertado por meio de uma mensagem subliminar, enxertada em um filme ou telenovela, sem que o consumidor em potencial se dê conta disso conscientemente similarmente uma paisagem, ao impregnar continuamente os nossos sentidos, “sugeriria” certos conteúdos, com relação, digamos, ao que é “normal” (e “familiar”, “belo”, “seguro”...) e ao que não é (sendo, portanto, “anormal”, “estranho”, “feio”, “perigoso”...). (SOUZA, 2013, p. 58)

Sendo assim, é necessário “enxergar” o invisível, as relações sociais, econômicas, naturais que estão escondidas na paisagem observada. Claval complementa, “Mas a paisagem só fala para aquele que aprender a ler. Para ver as realidades sociais, o olhar deve estar formado.” (CLAVAL, 2014, p. 69), pois de outra maneira a Geografia perde seu valor enquanto ciência, a mera observação e descrição não são tarefas tão desafiadoras, no entanto, “enxergar” o que não está aparente, sim.

Aceitando-se a ideia de que a Geografia estuda a realidade, o mundo, através da leitura da paisagem, deve-se reconhecer que a paisagem é a imagem, a representação do espaço em um determinado momento. Não é o espaço em si, é a fotografia do espaço, e como tal expressa tudo o que existe por detrás dela, quer dizer, sua história, seu movimento, que é resultado do jogo de forças dos homens entre si e desses com a natureza. (CALLAI, 2008, p.112)

Desse modo, a paisagem é o retrato, a expressão de relações complexas que envolvem e formam o espaço, sejam elas locais, regionais ou globais. A Geografia não deve ser descritiva, tão pouco o ensino desta ciência nas escolas deve ter esse caráter informativo ou descritivo, ainda mais no mundo atual, onde o acesso à informação está ao alcance de boa parte da sociedade.

Estes aspectos referidos são considerados tradicionalmente nas aulas de Geografia, como “listas de coisas que existem na cidade e no município”, e geralmente, tratados através da descrição isolada. Na perspectiva proposta, podem ser analisados no interior da organização do espaço e referidos

teoricamente a explicações que avançam do senso comum em direção de uma interpretação contextualizada. (CALLAI, 2008, p. 114)

Neste sentido a teoria construtivista propõe que a aprendizagem se dá pelo desafio, portanto um educador que não desafia, não está efetivamente ensinando. Dessa forma o professor precisa fazer com que os educandos questionem as informações recebidas, esta lógica muito se relaciona com uma leitura crítica da paisagem, porque assim os alunos serão capazes de fazer uma análise completa do espaço geográfico, relacionando com suas vivências, pois ao contrário o ensino se torna sem significado, como diz Freire:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, com verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não, dizê-la. (FREIRE, 1987, p.57)

O ensino de Geografia não deve ser alienante, muito pelo contrário, pois nela estudamos o mundo em que vivemos e, não devemos ser sujeitos e formar sujeitos alienados. Enfim, a paisagem é o retrato (imagem) do espaço geográfico em um determinado momento do processo, sendo assim, é fundamental para as geógrafas e os geógrafos, para as professoras e os professores de Geografia, que façam uma análise completa e consistente a partir da leituras das diferentes paisagens, pois ao contrário disso nossa ciência será meramente descritiva.

3.3. IMAGEM E ENSINO DE GEOGRAFIA

Basicamente podemos afirmar que imagem é a representação visual (material) ou mental (imaterial) da realidade, complementa Santaella.

O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. [...] O segundo é o domínio imaterial das

imagens na nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. (SANTAELLA, 2008, p. 15)

Sendo assim, a imagem material influencia a imaterial e vice-versa, pois através das imagens materiais conseguimos criar as representações mentais acerca da realidade, no entanto, é possível criar representações materiais referente a objetos que de alguma maneira fomos capazes de imaginar. Neste sentido Castrogiovanni complementa.

A princípio, toda Imagem é/pode ser vista como uma similaridade da aparência. Isto pode ser compreendido se desconsiderarmos tudo aquilo que (pode) está além ou aquém do modo como algo se apresenta aos nossos sentidos. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 75)

Portanto, imagem é uma representação da realidade, aparenta ser “algo” que existe no mundo real e que percebemos através dos nossos sentidos para assim criarmos representações mentais sobre a realidade. E, nos referindo ao ensino de Geografia, qual é a importância da imagem? Como ela se relaciona epistemologicamente com a Geografia? Discutimos anteriormente os conceitos de Espaço Geográfico e Paisagem, sendo o primeiro o objeto de estudo da ciência geográfica, pois é nele que ocorrem todas as relações naturais e sociais, portanto ele é o todo, no entanto, a paisagem é o visual, é a representação desse espaço em um determinado momento do processo. Segundo Barthes (1990) A Imagem, é constituída por uma multiplicidade de signos, códigos e sentidos, ou seja, é polissêmica, sendo subordinada à cultura de cada sociedade, pois esses códigos irão variar conforme a interpretação que damos a eles e, sabemos que a cultura é influenciada em demasia pela forma como pensamos e interpretamos o mundo, Castrogiovanni complementa, “Entendemos que, em qualquer sociedade, há códigos culturais, que viabilizam a leitura, a apropriação, a construção de significados, referentes aos lugares. Estes códigos direcionam para a formação da Imagem.” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 75). E, vivemos em um mundo imagético, estamos cercados por símbolos, códigos, signos, dentro da Geografia temos contato com eles através da legenda, como afirma Castrogiovanni.

Os mapas oferecem uma visão da síntese das relações espaciais e da distribuição dos diferentes elementos que compõem o espaço. Tal visão está baseada no uso de símbolos. Estes devem se aproximar o máximo possível da imagem real, serem exatos no que diz respeito às convenções, assim como se apresentarem uniformes em toda a representação. [...] A partir do emprego de símbolos utilizados na confecção de representações, tem-se a legenda. (CASTROGIOVANNI, 2008, p. 51)

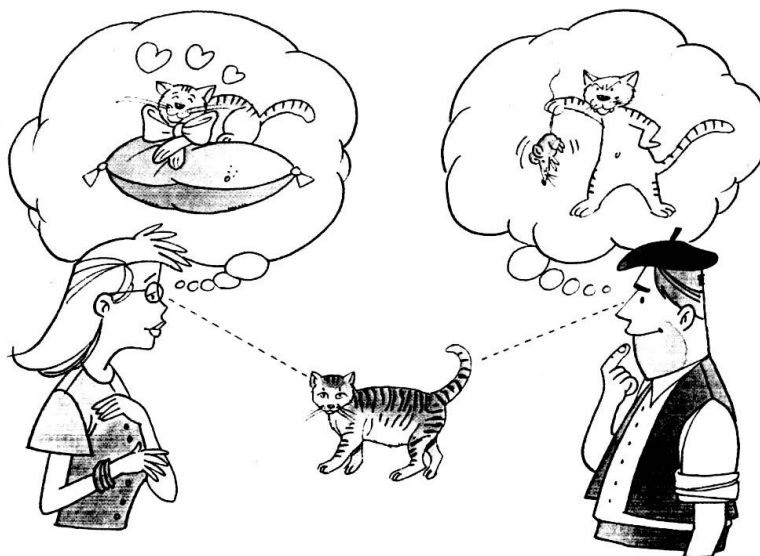
Portanto, vivemos em um mundo repleto de símbolos, por exemplo, *memes*¹ da internet, *stickers*² e *emojis*³ do *whatsapp*, logos de empresas multinacionais, etc., em muitos casos só precisamos mostrar uma figura e a mesma substitui a palavra escrita, principalmente a geração atual se comunica por meio de imagens, dessa forma, precisamos entender essa linguagem e a utilizarmos em sala de aula, refletindo a esse respeito, é possível nos comunicarmos de maneira efetiva sem compreender a linguagem de quem queremos nos aproximar? Neste sentido é possível relacionar o conceito de legenda da cartografia para o mundo vivido, pois existe uma legenda para o mundo, uma simbologia constituída por diferentes signos e é através desta que apreendemos o espaço a nossa volta, variando de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, e é por meio desta simbologia que criamos as representações mentais. Na imagem a seguir temos um exemplo de diferentes representações mentais do mesmo ser, podemos concluir que as vivências destas pessoas as levaram a imaginar um gato amável e outro não tão amável, portanto, o objeto é o mesmo, porém a representação mental é distinta para os dois personagens desta figura.

¹ *Memes* são informações transmitidas de maneira viral, principalmente através da internet, podendo serem videos, frases, imagens, gifs, expressões linguísticas, entre outros. O termo *meme* foi criado pelo biólogo Richard Dawkins em 1976, em seu livro “O gene egoísta”. A ideia de Dawkins foi criar essa palavra para designar a forma de propagação cultural, da mesma maneira como o gene propaga a informação genética. A palavra *meme* vem do grego “mimema” que significa imitação.

² *Sticker* é um palavra que vem do inglês, significa adesivo. Atualmente é muito utilizado nas redes sociais, como o *Whatsapp*. No Brasil também é conhecido como “figurinha”, pois é uma imagem, normalmente memes que são recortados e utilizados para passar alguma informação.

³ *Emojis* são representações gráficas utilizadas em conversas nas redes sociais, normalmente retratam expressões faciais usadas no lugar de palavras.

Figura 3 - Representação mental



Fonte: O Quadrado Móvel, disponível em:

<https://oquadradoavel.wordpress.com/2014/04/07/sentimentos-modelo-mental/>

Em algumas culturas orientais e asiáticas, a cor branca é relacionada com o luto, à tristeza e a morte, no entanto, no ocidente o branco é sinônimo de pureza, paz, quase tudo que é “bom” refere-se ao branco. Já o preto no ocidente, refere-se ao luto, ao obscuro, ao mal, em boa parte tal ideia está vinculada com o racismo. Assim afirmam Hooks (2019) e Hall (2016), a criação de estereótipos enquanto prática de produção de significados é fundamental para a representação da diferença racial, pois dessa forma, da escravidão em diante, os supremacistas brancos entenderam que controlar as imagens é de suma importância para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial. Por conseguinte, o controle das imagens facilita o controle do imaginário coletivo, pois:

Nós percebemos o mundo através dos nossos sentidos, os quais são limitados pelos elementos culturais e sociais. A Imagem é a Comunicação não-verbal das Formas que constituem o Lugar. Muitas das Formas parecem ser valorizadas/desvalorizadas, pelo processo que envolve a Globalização. A questão é: qual Imagem é atrativa e qual Imagem é repulsiva. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 79)

Esta ideia pode ser relacionada a todos os aspectos da nossa vida, por exemplo, porque existe um padrão de beleza eurocêntrico? Magro? e porque quem está fora deste padrão é considerado feio ou exótico? porque normalizamos este

padrão inatingível para muitos? Porque existe um padrão para performar a masculinidade e a feminilidade, e ainda, porque este padrão é binário? Não existe nada entre o feminino e o masculino? Devemos nos questionar sobre a realidade, pois a simbologia é criada com algum propósito, na maioria das vezes existe uma ideia de controle sobre os indivíduos, e pensando a esse respeito, quem disse que Jesus é branco?

Figura 4 - Jesus Negro



Fonte: Longa metragem o Auto da Compadecida⁴, 2000

Figura 5 - Jesus Branco



Fonte: Revista Superinteressante, disponível em:
<https://super.abril.com.br/blog/oraculo/quem-inventou-a-imagem-do-jesus-8220-europeu-8221-branco-e-de-olhos-claros/>

Neste sentido podemos nos questionar a respeito do que consideramos belo ou feio, ruim ou bom, etc., porque são construções sociais e culturais criadas preenchendo nosso imaginário, por exemplo, porque imaginamos um Jesus branco, loiro e com olhos azuis, pois segundo o livro sagrado dos cristãos, a bíblia, Jesus teria nascido na região do Oriente Médio, dessa forma, esta não é uma representação que condiz com a realidade. “É preciso criar o estado da dúvida, da

⁴ Adaptação da obra “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna.

incerteza, da (des)construção de lógicas com força de verdade substantivas por palavras ditas, as donas da verdade.”(CASTROGIOVANNI; BATISTA, 2018). Assim, devemos nos questionar sobre quem criou e quem cria certas imagens e com qual interesse, pois nada é por acaso. Barthes (1990) afirma que a imagem traz três mensagens, são elas: em primeiro momento linguística, em segundo icônica e em terceiro apresenta um sentido simbólico. Podemos compreender esses símbolos (signos) através do estudo da semiótica, ciência que estuda os processos de significação e representação.

Na semiótica geral, encontram-se definições muito variadas do conceito de representação. O âmbito da sua significação situa-se entre apresentação e imaginação e estende-se, assim, a conceitos semióticos centrais como signo, veículo do signo, imagem (“representação imagética”), assim como significação e referência. (SANTAELLA, 2008, p. 16)

A representação mental que cada indivíduo faz acerca das “coisas” não será igual, por exemplo, se pedirmos para três pessoas desenharem uma cadeira, certamente elas serão distintas, no entanto, terão o mesmo significado, pois todos saberão qual é a função de uma cadeira, a cadeira já foi inventada e é palpável. Porém, se pedirmos para estas mesmas três pessoas desenharem o amor, não saberemos o que esperar de tais desenhos, pois não existe um signo para o amor, podem surgir desenhos de corações, a pessoa amada, a família, ou seja, não existe um objeto real no mundo externo que simbolize o amor, faremos a representação mental, mas será abstrata.

Quando, no entanto, o intérprete do indício não tem que estar convicto da existência do objeto de referência (“o outro objeto”) de um indício, então esse indício pode também não aparecer na consciência do intérprete como uma “representação” de uma “coerência de sentido”, que “se constituiu, como em uma re-presentação, em atos pré-experimentados’ (ibid.). (SANTAELLA, 2008, p.21)

As representações mentais estão subordinadas ao mundo externo na medida em que através das nossas vivências são apresentados a nós esses códigos sociais, que fazem parte da cultura, e, que de certa forma moldam a maneira como interpretamos as imagens.

Figura 6 - Mito da Caverna



Fonte: Toda Matéria, disponível em: <https://www.todamateria.com.br/mito-da-caverna/>

Lembramos aqui o “Mito da Caverna⁵” de Platão ou até mesmo o longa metragem *Matrix*⁶, os dois retratam a ideia de vivermos em um mundo “falso”, onde a realidade apresentada é controlada por alguém, e tanto a alegoria quanto o filme mostram que o controle das imagens leva ao controle da mente, e dessa forma, percebemos que aquele ditado popular “acredito apenas no que eu vejo”, não se aplica à realidade, pois que podemos realmente acreditar em tudo o que vemos? Por que observamos um mundo que é apresentado a nós e que muitas vezes acreditamos ser a verdade absoluta, se trata de uma difícil tarefa enxergar o mundo além do que é apresentado, enxergar as relações invisíveis que constituem o espaço geográfico e este é o papel do ensino de Geografia.

⁵. O Mito da Caverna ou Alegoria da Caverna, foi escrito por Platão. E se trata de uma metáfora que sintetiza o dualismo platônico. Por exemplo, a relação entre os conceitos de escuridão e ignorância; luz e conhecimento e, principalmente, a distinção entre aparência e realidade, fundamental para sua teoria do Mundo das Ideias. Pode ser lido na obra *A República*.

Fonte: Toda Matéria disponível em: <https://www.todamateria.com.br/mito-da-caverna/> acesso em 18/10/2020. (adaptado)

⁶. *Matrix* é um filme de ficção científica que conta a história de Thomas Anderson, um jovem programador de computador, que é atormentado por estranhos pesadelos nos quais encontra-se conectado por cabos e contra sua vontade, em um imenso sistema de computadores do futuro. À medida que o sonho se repete, Anderson começa a ter dúvidas sobre a realidade. Por meio do encontro com os misteriosos Morpheus e Trinity, Thomas descobre que é, assim como outras pessoas, vítima da *Matrix*, um sistema inteligente e artificial que manipula a mente das pessoas, criando a ilusão de um mundo real enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia. *Matrix* faz uma clara referência ao Mito da Caverna de Platão.

Fonte: Adoro cinema disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-19776/> acesso em 18/10/2020. (adaptado)

4. A IMAGEM NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

Neste capítulo iremos analisar como o tema proposto, importância da imagem no ensino de Geografia, está presente na Base Nacional Comum Curricular. A BNCC é um documento que tem por objetivo definir e esquematizar o conjunto de aprendizagens que os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica, servindo como referência para a elaboração dos currículos escolares e dando maior coesão para a educação básica brasileira. A BNCC possui dez competências gerais que devem ser desenvolvidas ao longo da educação básica, são elas:

4.1 Estrutura da Educação Básica

Tabela 1: Competências Gerais

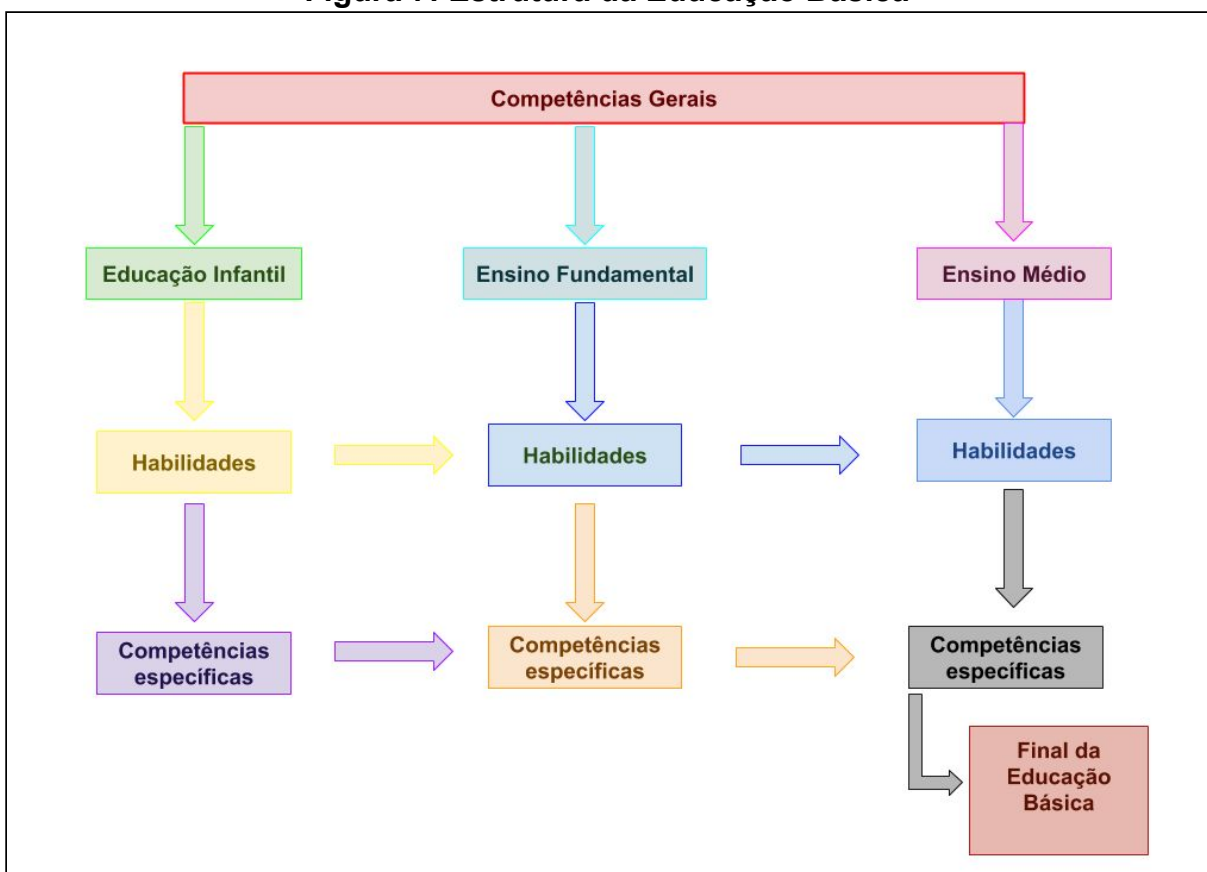
<p>1 - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p>	<p>6 - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>
<p>2 - Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p>	<p>7 - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta</p>
<p>3 - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p>	<p>8 - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.</p>

<p>4 - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.</p>	<p>9 - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.</p>
<p>5 - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</p>	<p>10 - Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.</p>

Fonte: BNCC, 2017, p. 9, 10

Sendo assim ao final da educação básica os educandos devem desenvolver todas as competências listadas anteriormente ao longo das três etapas da educação básica, sendo elas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Figura 7: Estrutura da Educação Básica



Fonte: Autoria da aluna com base na BNCC

Cada etapa da educação básica possui uma organização própria, todavia, neste trabalho nos debruçaremos sobre a etapa do Ensino médio, que consistiu uma organização, podemos falar até mesmo ideológica e política, voltada para o mercado de trabalho, inclusive existem diversas críticas a esse respeito, mas por enquanto, não iremos nos ater à elas. O Ensino Médio é dividido por áreas do conhecimento ficando a critério da escola elaborar um currículo que contenha e dê conta das competências e habilidades previstas para esta etapa.

A BNCC do Ensino Médio se organiza em continuidade ao proposto para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, centrada no desenvolvimento de competências e orientada pelo princípio da educação integral. Portanto, as competências gerais da Educação Básica orientam igualmente as aprendizagens dessa etapa, como ilustrado no esquema a seguir, sejam as aprendizagens essenciais definidas nesta BNCC, sejam aquelas relativas aos diferentes itinerários formativos – cujo detalhamento é prerrogativa dos diferentes sistemas, redes e escolas, conforme previsto na Lei nº 13.415/2017. (BNCC, 2017, p.469)

Sendo assim, devemos “encontrar” a nossa ciência dentro dessas competências e habilidades, e, ainda defendê-la, pois se torna muito fácil um professor de Geografia, que não possui base epistemológica sobre a ciência que leciona, “perder-se” dentro da área das ciências humanas. Alguns chamam a Geografia de “intrinsetida”, pois dentro dela praticamente usamos um pouco de cada ciência como, biologia, física, química, história, sociologia, matemática, etc., mas somos a ciência responsável por estudar o espaço geográfico, portanto, se torna impossível ter uma compreensão ampla deste, sem entendermos as demais ciências.

4.2 Onde se Esconde a Imagem na BNCC do Ensino Médio

Figura 8 - Organização do Ensino Médio



Fonte: BNCC, 2017, p. 24

A área das Ciências Humanas possui seis competências específicas que devem ser desenvolvidas ao longo do Ensino Médio, selecionamos para análise a competência específica 1 que tem o seguinte objetivo:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BNCC, 2017, p. 570)

Esta competência específica se relaciona com o tema proposto na medida em que tem por objetivo desenvolver a capacidade nos educandos de realizarem uma análise crítica do espaço geográfico, nas suas diversas escalas, e, para nós senso crítico é a capacidade de posicionar-se com ideias próprias, baseadas em fontes confiáveis, onde o aluno consiga sintetizar as informações e a partir disso desenvolver suas próprias ideias.

Nessa competência específica, pretende-se ampliar as capacidades dos estudantes de elaborar hipóteses e compor argumentos com base na sistematização de dados (de natureza quantitativa e qualitativa); compreender e utilizar determinados procedimentos metodológicos para discutir criticamente as circunstâncias históricas favoráveis à emergência de matrizes conceituais dicotômicas (modernidade/atraso, Ocidente/ Oriente, civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo etc.), contextualizando-as de modo a identificar seu caráter redutor da complexidade efetiva da realidade; e operacionalizar conceitos como etnicidade, temporalidade, memória, identidade, sociedade, territorialidade, espacialidade etc. e diferentes linguagens e narrativas que expressem culturas, conhecimentos, crenças, valores e práticas. (BNCC, 2017, p. 571)

Observamos a influência da História nesta competência, porém, como discutimos anteriormente, para compreender o espaço geográfico em sua totalidade precisamos estudar as demais ciências, e ainda mais, pois estamos inseridos dentro da área das ciências humanas. A imagem possui um papel fundamental para desenvolvermos o senso crítico nos alunos, visto que, como foi discutido nos capítulos de paisagem e imagem, precisamos enxergar além do que nos é apresentado, devemos questionar a lógica estabelecida. Por exemplo, os alunos devem ser capazes de questionar porque a imagem das pessoas negras em um geral é atrelada a diversos adjetivos pejorativos, pois esta visão se reflete no cenário da violência no Brasil, onde os negros são os mais vulneráveis, e em cada 100 homicídios 71 são de pessoas negras, sendo a maioria jovens do sexo masculino e com baixa escolaridade (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2017). Portanto, este exemplo nos mostra que as relações estabelecidas hoje não se dão por acaso e, sendo assim o uso de imagens é fundamental para o ensino de Geografia. Como diz Freire:

E porque os homens, nesta visão, ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção

“bancária”, tanto mais “educados”, porque adequados ao mundo. Esta é uma concepção que, implicando numa prática, somente pode interessar aos opressores que estarão tão mais em paz, quanto mais adequados estejam os homens ao mundo. E tão mais preocupados, quanto mais questionando o mundo estejam os homens. (FREIRE, 1987, p. 41)

Sendo assim, a educação tem o potencial para inverter certas lógicas, e, a imagem no ensino de Geografia é importante, pois será um veículo para o desenvolvimento do senso crítico e por consequência teremos sujeitos questionadores do mundo, o principal objetivo da educação.

Cada competência específica possui habilidades que devem se desenvolver para que seja possível alcançar tal competência. Seleccionamos três habilidades matriciais que se relacionam com o tema de estudo são elas:

Tabela 2: Habilidades Matriciais

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Fonte: BNCC, 2017, p. 572

Dentro das três habilidades seleccionadas vemos a possibilidade de usar a imagem de diversas formas. Na primeira e na segunda habilidades matriciais seleccionadas (EM13CHS101) e (EM13CHS102), podemos usar a imagem como uma alternativa à linguagem escrita, por exemplo, através da leitura de paisagens do

presente e do passado e ainda entender criticamente os discursos presente em cada uma. Já na terceira habilidade selecionada (EM13CHS106) podemos usar a imagem na cartografia através das legendas, e ainda estaremos usando-a como alternativa à linguagem escrita. A imagem se trata de um recurso atrativo para abordarmos em sala de aula todas as relações que se estabelecem no espaço - usar metalinguagem é importante para chamar a atenção dos alunos e, mais uma vez, formar sujeitos críticos. O universo das imagens é extremamente vasto, pensamos aqui que uma aula de Geografia sem a imagem é uma aula incompleta.

5. PRÁTICAS DE ENSINO

5.1 Como usar a Imagem em uma aula de Geografia?

Neste capítulo iremos sugerir três propostas de como usar a imagem no ensino de Geografia, selecionamos a partir da BNCC uma competência específica e três habilidades matriciais para elaboramos as práticas. A competência específica utilizada é a seguinte:

- Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Segundo Castrogiovanni (1992) na teoria construtivista proposta por Jean Piaget, os alunos na etapa do Ensino Médio devem estar no “Estádio Operatório-Formal”, que inicia-se pelos 12 anos de idade, neste estágio o aluno consegue operar sem a necessidade do concreto, sendo assim, começa a capacidade da abstração, as práticas propostas foram pensadas neste sentido.

5.1.1 Proposta 1 - Desconstruindo Estereótipos

A primeira proposta sobre o uso de imagens no ensino de Geografia diz respeito à habilidade matricial selecionada:

- (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Sugerimos que a professora ou o professor inicie a aula contando o Mito da Caverna de Platão (Anexo 1), unindo Geografia e Filosofia, assim será possível fazê-los refletir sobre a realidade, se podem confiar em tudo o que nos é apresentado ou não. O professor deve deixar os alunos elaborarem suas respostas e fazer uma reflexão com a turma. Após, serão apresentadas duas imagens, a primeira da cidade de Nairóbi, capital do Quênia, e a segunda da cidade de Paris, capital da França.

Figura 9 - Nairóbi



Fonte: Google imagens

Figura 10 - Paris

Fonte: Google imagens

Os alunos devem ser questionados a respeito da imagens “De onde são essas imagens. Por que?”, podem surgir respostas baseadas em argumentos do senso comum, e, que devem ser desconstruídas, ao final das indagações o professor deve revelar de onde realmente são tais imagens e retornar ao Mito da Caverna de Platão, fazendo-os refletir a respeito das imagens que criamos em nosso imaginário sobre os lugares e as pessoas, pois podem não refletir a realidade do espaço, e o professor deve levá-los a pensar e questionar sobre quem controla as imagens e com qual objetivo, dessa forma, desenvolvendo o senso crítico. Esta atividade pode ser um disparador para iniciar um projeto sobre o ensino de Geografia da África, por exemplo, para que sejam repensados os estereótipos de fome e pobreza que rondam a imagem do continente africano.

5.1.2 Proposta 2 - As Rugosidades do Espaço Geográfico

Abordamos no capítulo sobre paisagem, que esta representa o espaço em determinado momento do processo e, através dela conseguimos analisar, assim como, interpretar os diferentes signos que fazem parte de imagens passadas e presentes para que seja possível compreender o processo de construção e

transformação do espaço geográfico. Neste sentido, através habilidade a seguir propomos outra maneira de usarmos a imagem em uma aula de Geografia.

- (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

O professor deverá apresentar duas imagens do mesmo lugar, porém devem ser de tempos diferentes, aqui escolhemos duas imagens da Usina do Gasômetro que com o passar dos anos mudou sua função, no passado era uma usina termelétrica e hoje é um importante espaço cultural da cidade de Porto Alegre. Propomos as seguintes problematizações para serem feitas com os alunos:

- Quais signos presentes na duas imagens representam a mudança de função da Usina do Gasômetro? Por quê?
- Observando a imagem da década de 1950, como podemos contextualizar o período histórico ao qual ela está inserida? Por quê?
- Através da análise das duas imagens, escreva quais os elementos que se transformaram, e que por meio desta transformação nos indica o processo de globalização presente no espaço? Por quê?

Figura 11 - Gasômetro, Cadeia e Praia de Belas em 1956.



Fonte: Google Imagens

Figura 12 - Orla do Guaíba



Fonte: Google Earth

5.1.3 Proposta 3 - Legenda para o Mundo

A terceira proposta para inserirmos o uso de imagens no ensino de Geografia diz respeito à terceira habilidade matricial selecionada:

- (EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. Mostrar através de imagens (símbolos e códigos), que o uso de legendas se aplica ao nosso cotidiano, visto que vivemos rodeados por símbolos.

Sendo assim, fazemos propomos: A professora ou o professor deve iniciar a aula fazendo o seguinte questionamento aos alunos: “Imagine que você fez uma viagem a um lugar que você sempre sonhou, no entanto, você deverá contar para um amigo que não compreende o idioma português, os elementos que mais gostou na viagem. De que maneira é possível enviar tais informações? Por quê?”. Deve ser dado alguns minutos para que respondam e, em seguida o professor deverá mediar a discussão para que percebam que seria necessário criar uma simbologia (códigos) para passar as informações desejadas, dessa forma, será possível introduzir a importância das legendas nos mapas e no cotidiano, pois vivemos em um mundo cada vez mais simbólico.

A segunda parte dessa proposta consiste em mostrar através de imagens (símbolos e códigos), como o uso de legendas se aplica ao nosso cotidiano, visto que vivemos rodeados por símbolos, logos, códigos, etc., sendo realizada a seguinte dinâmica: Cada aluno deverá receber uma folha com uma tabela contendo símbolos e logos (Tabela 3) que estão presentes nos seus cotidianos, deverão preenchê-la e responder às seguintes questões:

- Qual país de origem predominou nas suas respostas? Por quê?
- Qual desses símbolos uma pessoa de qualquer idade consegue reconhecer facilmente? Por quê?
- Podemos dizer que esses símbolos são uma legenda para o mundo em que vivemos ou não? Por quê?

Após, deve ser feita uma correção oral para que possa ser discutida a importância da simbologia no mundo atual.

Tabela 3: Logos e Símbolos

Símbolos e logos	Você reconhece o símbolo?	Nome	País de origem
			
			
			
			
			
			
			
			
			

5.2 Resultados Esperados

Este sub capítulo se propõe a discutir os resultados esperados por meio da aplicação das práticas de ensino propostas, caso fossem aplicadas, no entanto, devido à pandemia não foi possível aplicá-las, porque não foram pensadas para o ensino remoto emergencial que a maioria das escolas adotou. A ideia inicial era aplicá-las presencialmente em escolas públicas.

Após a aplicação da primeira prática esperava-se que os alunos fossem capazes de refletir sobre a imagem mental que possuem a respeito dos lugares, se são realmente confiáveis ou se são apenas estereótipos construídos, e com qual intenção esses estereótipos foram criados. Trouxemos o exemplo das representações sobre a África e a Europa que podem estar contidos no imaginário dos alunos. E, esperava-se que percebessem que devemos desconfiar das imagens que nos são apresentadas, pois sempre existe uma razão para tal e devemos entender e refletir sobre essas razões.

O resultado esperado com a aplicação da segunda prática é ensinar e estimular a leitura das paisagens, pois a partir delas conseguimos compreender muitas relações (sociais, culturais, econômicas, etc.), passadas e presentes, contidas no espaço. A ideia é despertar nos alunos essa visão aguçada sobre as paisagens, geograficamente falando, conforme se deslocam pela cidade. E, por consequência entenderem como essas relações se refletem nas suas vidas.

Na terceira e última prática, espera-se que os alunos percebam através de imagens (símbolos e códigos) que fazem parte do nosso dia-a-dia, que o uso de legendas está presente no nosso cotidiano, na medida em que utilizamos esses signos para apreendermos o mundo a nossa volta. Além disso, esperava-se que através das três práticas os educandos percebessem que existe uma simbologia, culturalmente construída, e esta tem uma forte influência sobre a maneira como enxergamos o mundo, bem como, é necessário avaliar as imagens e informações de maneira crítica para serem capazes de se posicionar com ideias próprias, e metaforicamente falando, sair da “caverna”.

6. CONSIDERAÇÕES NÃO TÃO FINAIS...

Por fim, concluímos que o objetivo principal deste trabalho, analisar como a imagem é relevante para o ensino de Geografia, foi alcançado. Na medida em que discutimos sobre os três conceitos que nortearam esta pesquisa, espaço, paisagem e imagem, conseguimos entender como estes estão intimamente ligados, e percebeu-se que a Geografia, assim como o seu ensino nas escolas deve recorrer à imagem para melhor interpretar o espaço geográfico.

Estudando o conceito de imagem foi possível compreendê-la como a representação, tanto material ou imaterial do real (SANTAELLA, 2008), e esta representação é subordinada à cultura de cada sociedade (CASTROGIOVANNI, 2004), pois desde a nossa infância somos apresentados a códigos e signos que irão moldar a imagem que formulamos acerca das coisas. Vivemos em uma sociedade pós-moderna, capitalista, onde a imagem tem se tornado cada vez mais importante, na verdade, o controle dela, e, somos “controlados”, muitas vezes sem perceber. Como afirmam Castrogiovanni e Batista (2018), estamos ingressando em uma realidade dirigida pelo capitalismo tardio, e é este, quem acaba criando uma lógica cultural fundante da pós-modernidade alicerçada em uma nova maneira de sentir o mundo resultado do consumismo e do fenômeno da globalização. Sendo assim, o capitalismo usa a imagem para se reinventar, se apropria de discursos como a sustentabilidade, maior representatividade das minorias sociais, etc., mas em essência ainda vivemos em um mundo desigual, acabamos iludidos com essas imagens inventadas e reinventadas pelo sistema capitalista, que hoje e sempre utilizou e usou como uma maneira de controle e de reafirmação enquanto sistema dominante.

Através do entendimento o conceito de imagem e a sua importância na sociedade pós-moderna, percebemos que a Geografia para ser ensinada nas escolas não deve ignorá-la, o que infelizmente acontece atualmente, e muitas vezes está presente, porém reforçando estereótipos, esvaziada de crítica. Entendendo a imagem como uma possível maneira de controle devemos usá-la a nosso favor como professores, não para nós termos o controle ou o que muitos afirmam, doutrinar, mas sim, para que os nossos alunos tenham o controle sobre as

informações recebidas, para que não sejam controlados por ninguém, que sejam críticos, capazes de refletir além do que está aparente. Discutimos três conceitos neste trabalho: espaço geográfico, paisagem e imagem, a partir deste estudo concluímos que o espaço é o todo material, onde as relações sociais e naturais acontecem, e, a paisagem é um reflexo, uma representação do espaço em um momento, seja no passado ou no presente, usamos esta para compreendermos quais relações estão acontecendo ou que já ocorrem no espaço. Por fim, percebemos que a paisagem é a imagem que representa o espaço, dentro disto entendemos que nem todas as relações são completamente visíveis na paisagem, e, unindo o conceito de semiótica com o conceito de paisagem concluímos que devemos aprender e ensinar nossos alunos a lerem essa paisagem, levá-los a enxergar as relações invisíveis do espaço geográfico.

Através da análise da BNCC do Ensino Médio percebemos que existe uma infinidade de possibilidades para usarmos a imagem nas aulas de Geografia, nos limitamos em três propostas, no entanto, por meio da leitura e seleção das habilidades ficou muito evidente que a Geografia precisa da imagem, e o seu ensino se torna vazio quando este recurso não é utilizado, como falamos anteriormente, o mundo atual é imagético, vivemos em um sistema que usa a imagem como forma de controle. Sendo assim, é sábio ignorarmos a imagem no ensino de Geografia?

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. **Atlas da violência**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) 2017. 69 p. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>>. Acesso em: 25 out. 2020.

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> . Acesso em: 19 out. 2020.

CALLAI, Helena. **Estudar o Lugar para Compreender o Mundo**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 6ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008. 176 p.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **A GEOGRAFIA DO ESPAÇO TURÍSTICO, COMO CONSTRUÇÃO COMPLEXA DA COMUNICAÇÃO**. 2004. 335 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; BATISTA, Bruno Nunes. **E se a maçã que ofereceram a Eva fosse verde, que (outras) espacialidades poderíamos ter?** In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan (org.). **Movimentos: para ensinar geografia - oscilações**. 4. ed. Goiânia: C&a Alfa Comunicação, 2018. Cap. 5. p. 77-89.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **A teoria construtivista... O construir a Geografia**, Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre: AGB-PA, n 19, 1992, p 5-17.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da Ufsc, 2014. 407 p. Tradução: Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: Raça e Representação** / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 350 p.

PLATÃO. **O Mito da Caverna**. São Paulo: Edipro, 2019. Tradução: Edson Bini.

SANTAELLA, Lucia. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008. 188 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4 ed. 8 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 384 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A Pesquisa Científica**. In: SILVEIRA, Denise Tolfo; GERHARDT, Tatiana Engel (eds.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TONINI, Ivaine Maria. **IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: seus ensinamentos, sua pedagogia....** Mercator: Revista de Geografia da UFC,, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 35-44, 2003.

TROLL, Carl. **A Paisagem Geográfica e Sua Investigação.** Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 1-7, jun. 1997.

VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PIMENTEL, Maurício Ragagnin. **As Múltiplas Abordagens para o Estudo de Paisagem.** Espaço Aberto, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 131-150, 2016. Semestral.

8. ANEXOS

8.1 Anexo 1 - Mito da Caverna

Nesse mito, Sócrates pede que Glauco imagine uma situação hipotética em que várias pessoas são mantidas acorrentadas no fundo de uma escura caverna subterrânea. À frente dos prisioneiros havia apenas uma parede, onde eram projetadas sombras de figuras representando seres, animais e outros elementos. Essas projeções eram feitas por outras pessoas (que podem ser denominadas como "amos da caverna") com o auxílio da luz de uma fogueira, que encontrava-se atrás da população acorrentada. Os amos da caverna elaboraram esse esquema, acorrentando as pessoas desde o nascimento, levando-as a acreditar que são livres. Assim, eles os estimulam a trocarem ideias entre si e, inclusive, a escolherem um líder. Como a única realidade que os prisioneiros conheciam era aquela, eles acreditavam que as sombras exibiam o mundo real, que tudo o que havia para ser explorado no universo eram as projeções. Então contentavam-se com aquele espetáculo e não tinham outras aspirações. Entretanto, contrariando as expectativas, um dos prisioneiros começa a refletir sobre sua condição e percebe que existe algo de muito errado. Assim, um dia ele consegue se libertar e caminhar pela caverna, percebendo a fogueira, os amos e as silhuetas. Ao olhar a luz da fogueira seus olhos ficam ofuscados, pois ele nunca tinha visto a luminosidade. Ele caminha mais e com dificuldade chega à saída da caverna, deparando-se com uma luz ainda mais intensa: a luz do sol. O homem liberto, à princípio, sente um enorme desconforto, não consegue enxergar nada, pois a vida inteira esteve preso e seus olhos não estão acostumados com a luminosidade. Entretanto, aos poucos desenvolve um olhar capaz de lidar com o mundo exterior. A partir de então passa a ver a realidade e viver outras experiências que não eram possíveis dentro da escura caverna. Após um tempo explorando o novo mundo, o homem sente a necessidade de contar aos seus pares o que havia descoberto. Então, no diálogo proposto por Platão, Sócrates diz para Glauco supor o que aconteceria se tal homem retornasse à caverna a fim de "abrir os olhos" de seus irmãos. Eles chegam à conclusão de que o homem seria rejeitado por muitos dos prisioneiros, que não acreditariam nele e o tomariam como louco.

Fonte: Cultura Genial, disponível em: <https://www.culturagenial.com/mito-da-caverna/>